



## CURRÍCULOS, JUVENTUDES E FABULAÇÕES

Aline Dias de Oliveira Cochetto [\*]; Sandra Kretli da Silva [\*\*]

O artigo apresenta uma pesquisa que buscou cartografar as fabulações das juventudes e docências a fim de mapear os currículos vetores de forças ativas criados pelas juventudes e docências, como também potencializar os encontros alegres nos/dos cotidianos escolares. Problematiza as fabulações como força curricular que resiste ao ensino cartesiano e codificado. Argumenta que a potência de ação coletiva produz currículos vetores de forças e encontros alegres que escapam das formas que aprisionam o pensamento, possibilitando outros modos de ser e de estar no mundo. Dialoga com os pensamentos de Deleuze, Guattari, Bergson, Spinoza, entre outros, como afetos que forçam o movimento do pensamento e a invenção de novos modos de pensar currículos, docências, juventudes e cotidianos escolares. Conclui-se que as fabulações dos jovens e das docências atuam na escola como força inventiva e coletiva, que, em redes de conversações, criam currículos nômades, alegres e inventivos.

**Palavras-chave:** Currículos. Juventudes. Fabulação. Redes de conversação. Cotidiano escolar.

### CURRICULUM, YOUTH AND STORIES

#### ABSTRACT

The article presents research that sought to map the stories of youth and teaching in order to map the vector curricula of active forces created by youth and teaching; and enhance joyful encounters in/in daily school life. It problematizes fables as a curricular force that resists Cartesian and codified teaching. It argues that the power of collective action produces vector curricula of forces and joyful encounters that escape the forms that imprison thought, enabling other ways of being in the world. It dialogues with the thoughts of Deleuze, Guattari, Bergson, Spinoza, among others, as affects that force the movement of thought and the invention of new ways of thinking about curricula, teaching, youth and school daily life. It is concluded that the stories of young people and teachers act at school as an inventive and collective force, which, in networks of conversations, create nomadic, happy and inventive curricula.

**Keywords:** Resumes. Youths. Fabulation. Conversational networks. School daily life.

### CURRÍCULUMS, JUVENTUD E FABULACIONS

#### RESUMEN



El artículo presenta una investigación que buscó mapear las historias de la juventud y la enseñanza para mapear los currículos vectoriales de las fuerzas activas creadas por la juventud y la enseñanza; y mejorar los encuentros alegres en la vida escolar diaria. Problematiza las fábulas como fuerza curricular que se resiste a la enseñanza cartesiana y codificada. Sostiene que el poder de la acción colectiva produce currículos vectoriales de fuerzas y encuentros alegres que escapan de las formas que aprisionan el pensamiento, permitiendo otras formas de estar en el mundo. Dialoga con el pensamiento de Deleuze, Guattari, Bergson, Spinoza, entre otros, como afectos que fuerzan el movimiento del pensamiento y la invención de nuevas formas de pensar sobre los currículos, la enseñanza, la juventud y la cotidianidad escolar. Se concluye que los relatos de jóvenes y docentes actúan en la escuela como una fuerza inventiva y colectiva, que, en redes de conversaciones, crean currículos nómadas, felices e inventivos.

**Palabras clave:** Currículums. Jóvenes. Fabulación. Redes conversacionales. Vida diaria escolar.

## FABULAR COM AS JUVENTUDES

*João era fabulista?  
fabuloso?  
fábula?  
sertão místico disparando  
no exílio da linguagem comum?  
Projetava na gravatinha  
a quinta face das coisas  
inenarrável narrada?  
Um estranho chamado João  
para disfarçar, para farçar  
o que não ousamos compreender?*

.....  
(Andrade, 2008, p. 643-644)<sup>1</sup>

Este artigo é um convite à fabulação, um bilhete de entrada para atravessar a multiplicidade dos possíveis do cotidiano escolar com a força das juventudes. Entendemos o cotidiano escolar como campo micropolítico, que tensiona as relações de saber e poder, e assim produz rasuras e deslocamentos nas imagens de currículos, de juventudes, de conhecimentos e de escolas.

<sup>1</sup> Ao longo do texto, apresentaremos fragmentos de um poema de Carlos Drummond de Andrade — *Um chamado João* —, que foi publicado três dias após a morte de João Guimarães Rosa, no *Correio da Manhã*, em 22 de novembro de 1967, para entrarmos em relação com a força da fabulação do poeta e intensificar as fabulações de jovens e docentes nos encontros com essa pesquisa.



Trata-se de uma pesquisa realizada nas séries finais de uma escola de Ensino Fundamental do município de Serra, localizada na Mesorregião Central Espírito-Santense, que objetivou cartografar as fabulações das juventudes e das docências, a fim de problematizar como se constituem os movimentos de criação de currículos vetores de forças ativas, de resistências coletivas e de encontros alegres nos cotidianos escolares, pois acreditamos que essas forças rompem as tentativas de padronização e de sufocamento das multiplicidades de vidas que habitam nas escolas.

Apostamos nas redes de conversações apresentadas por Carvalho (2009), para entrar em relação, afetar e ser afetadas pelos movimentos de invenção e fabulação com as juventudes, a fim de instaurar novos processos de subjetivação em direção a uma multiplicidade de modos de (re) existência. Para Deleuze e Guattari (2010), *fabular* é não se prender ao passado, a modelos e formas é entrar em relação com o outro, é se tornar algo. A *fabulação* acontece quando há uma transformação naquilo que já está posto, ela é invenção, é resistência, é ampliação da vida.

Desse modo, *fabular* é produzir outras possibilidades, outros modos de vida. Assim, buscamos nos cotidianos escolares as intensidades que colocam o pensamento de jovens e professores a vaguar, e a produzir outros modos de *pensarfazer* os currículos e as aprendizagens.

Abordamos aqui “juventudes” em vez de “juventude”, pois, como nos inspiram Deleuze e Guattari (2011), afirmamos a multiplicidade da vida, a ideia de que não somos Uno, pois os sujeitos não possuem identidades fixas e impermeáveis, mas múltiplas, somos muitos em um, somos constantemente atravessados por multiplicidades de forças, promovendo resistências e rupturas aos padrões e modelos que tentam formatar as vidas. Como apresentam Masullo e Braga (2010) em conversa com Novaes (2000) e Mattos (2001), o termo “juventude” precisa ser pensado no plural, uma vez que os jovens de uma mesma época e espaço, diante das multiplicidades cotidianas, podem ou não compartilhar as mesmas crenças e experiências de vida.

Estamos inseridos em uma sociedade que nos remete a uma organização social, econômica e cultural a ser contemplada e seguida como modelo para os jovens. Essas juventudes são atravessadas por redes conexionalistas (Pelbart, 2011), como mídias, redes sociais e outras tecnologias que lhes apresentam padrões de beleza, de felicidade, de comportamento, considerados como os adequados para viverem bem socialmente. Criam-se expectativas de que, ao trilhar por esses padrões instituídos, o futuro será brilhante e promissor.



No entanto, apostamos em uma juventude que se move diante da inércia que o mundo capitalista lhe propõe, rompendo padrões, buscando sempre outras possibilidades de ser e estar no mundo. Assim, argumentamos que juventude tem relação com invenção, como possibilidade de experimentar a vida, uma força avassaladora que se coloca frente ao novo, ao diferente, a um novo vir a ser que está em constante transformação.

As culturas juvenis são fluidas e cambiantes, transbordam pelos poros das metrópoles e das escolas. Não há como apreendê-las, classificá-las e muito menos rotulá-las (Canevacci, 2005). 'Nesse contexto, caracterizado por culturas híbridas, fragmentadas e transculturais, afirma-se a dilatação do conceito de jovem, virando ao avesso as categorias que tentam fixar as passagens geracionais partindo da proposição que as juventudes são intermináveis, fluidas, cambiantes, nômades.

É preciso, portanto, ir ao encontro das juventudes, a fim de *ouvirpensarsentir*<sup>2</sup> o que os jovens têm de si e do mundo. É notório que, nesse momento da vida, as brincadeiras e as responsabilidades, a imaturidade e a maturidade se entrelaçam a todo instante; logo, acolher as multiplicidades que existem e atravessam os jovens se faz necessário. Assim, ao entramos em relação com as juventudes que estão nas escolas públicas do município de Serra, deparamos com as complexidades atreladas ao contexto de ordem social, cultural, econômico e político que os atravessam (Takeuti, 2012).

Nesse mapeamento cartográfico, fomos buscando composições com as intensidades dos acontecimentos e das fabulações das juventudes e das docências, pois a nossa força se entrelaça nas relações produzidas com os corpos e na potência das fabulações que habitam a escola. Dessa forma, nas conversas com os jovens e os/as professores/as íamos nos agenciando com os afetos que nos atravessavam. De acordo com Deleuze e Guattari (2011), o agenciamento é sempre coletivo, é uma conexão entre diferentes corpos e que produz desejos.

Em nossas redes de conversações, configurávamos uma relação com as enunciações coletivas, pois, de acordo com Carvalho (2006), em uma rede de conversação há uma descentralização do Eu e do Outro, o foco do encontro é a pluralidade do individual com o social e as narrativas se fazem coletivamente. Assim, desejamos aqui nesses traçados apresentar as composições que fortalecem o currículo escolar, que se reinventa, que é vetor de forças para resistir aos poderes que tentam instituir tristeza no aprender e ensinar. É preciso

---

<sup>2</sup> As palavras grafadas em itálico neste artigo se escrevem juntas para dar outros sentidos às expressões e problematizar as dicotomias e as binaridades herdadas da ciência moderna que impedem o processo de criação em nossa corrente de pesquisa, de acordo com Andrade, Caldas e Alves (2019).



potencializar a alegria, entrar pelas brechas produzidas nas prescrições, apostar na potência da vida que vibra durante o processo de *ensinaraprender*, produzir um currículo vetor de forças (Paraíso, 2015) alegres.

Se pensarmos a fabulação no cotidiano escolar, percebemos formas de agir, pensar e inventar que resistem ao currículo prescrito que tenta aprisionar os corpos que desejam vibrar, impedindo-os de inventar e seguir por caminhos ainda não percorridos. As intensidades e os acontecimentos cotidianos na escola nos propõem pensar a força de currículos que se fazem por meio de tudo aquilo que é vivido, sentido e praticado (Carvalho, 2009).

Na escola, a vida é constituída pelas coisas vividas, pelas fantasias que nos fazem delirar e nos deslocar para outros possíveis que possibilitam pensar fora das caixinhas, esvaziar todas as formas existentes, criar outros mundos (Deleuze, 2010). Nesse sentido, apostamos em um currículo que, para além de representações, está também para além dos modelos de como fazer. O nosso argumento é que os currículos das juventudes se constituem por meio dos agenciamentos com os corpos que atravessam a escola, uma composição entre conhecimentos, afetos, afecções, possibilitando um currículo que se faz com o coletivo (Carvalho; Silva; Delboni, 2017).

Desse modo, há um currículo que escapa das formas que aprisionam o corpo e o pensamento, que abre possibilidades de novos modos de existir, que pulsa e que provoca ressonâncias a partir da relação com o outro. Segundo Spinoza (2020), os afetos são as ações produzidas diante dos encontros alegres ou tristes entre os corpos, que aumentam ou diminuem nossa potência de agir.

Dessa maneira, quando somos afetados por algo que se assemelha ao nosso corpo ou nele se encaixa, nascem os afetos alegres e nosso corpo é estimulado a aumentar sua capacidade de agir, potencializando e expandindo a vida, permitindo-nos pensar de outro modo. Já os afetos tristes acontecem quando sofremos uma afecção que diminui ou refreia a nossa potência de agir e a força de afetar e ser afetado (Spinoza, 2020). Ainda de acordo com o autor, os afetos tristes nos impedem de ver outros mundos e visibilizar pequenas frestas e rupturas que nos possibilitam escapular do automatismo, das prescrições e das determinações estabelecidas como regimes de verdade.



Logo, na busca de bons afetos, professores e alunos apostam na vida que inventam, resistem e persistem diante do óbvio que tenta aprisionar o pensamento, criam linhas (Deleuze; Guattari, 2011) e traçados, apagam e redesenham a todo momento o mapa que percorremos no território escolar. Sabemos que resistir é possibilitar o novo, pois, para Deleuze e Guattari (2010, p.133), “[...] criar é resistir, puros devires, puros acontecimentos sobre um plano de imanência”.

Ao caminhar por percursos que costumam priorizar as formas, que tentam capturar nosso pensamento e desejo, munidos de forças que nos colocam em movimento de resistência aos poderes que aprisionam, buscamos dialogar com os pensamentos de Deleuze e Guattari (2010, 2011), Pelbart (2011), Kastrup (2020) e Spinoza (2020). Utilizamos como metodologia a cartografia (Deleuze; Guattari, 2011), seguindo sempre o fluxo da vida que movimenta a pesquisa e os corpos, traçando novos contornos e experimentando a vida de maneira intensa. Assim, diante da vida que transborda cotidianamente na escola, nosso pensamento é movimentado para problematizar os movimentos de fabulação produzidos pelas juventudes e as docências para potencializar os currículos vetores de forças que expandem a alegria e a vida nas/das escolas.



## A VIDA QUE SE INVENTA E SE REINVENTA COTIDIANAMENTE

*Era um teatro  
e todos os artistas  
no mesmo papel,  
ciranda multívoca?*

.....  
(Andrade, 2008, p. 644)

Continuamos com Drummond a entrar nessa ciranda multívoca da vida, a fim de problematizar o cotidiano de jovens que habitam as escolas públicas. Vida polissêmica, vida plural. Vida repleta de multiplicidades de sentidos, de composições e de fabulações. Ao entrar em relação com as juventudes e as docências, mergulhamos num plano em que conhecer e fazer se tornam inseparáveis, pois, em uma pesquisa intervenção, há sempre movimentos de experimentação e de invenção (Passos; Barros, 2020).

Seguimos, assim, pelas trilhas e combinações sem buscar de antemão o que nos esperava, sempre atentas aos movimentos e suas intensidades. Nas palavras de Passos e Barros (2020, p. 30-31), “[...] o método assim reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas”. Nesse movimento cartográfico de acompanhar processos, estivemos em movimento de voos e pousos no cotidiano escolar, atentas às intensidades que se dão nos espaços, problematizando: por que acompanhar os processos curriculares alegres e de fabulação que se dão no território escolar? Porque apostamos que a escola é *espaçotempo* de vida, que, mesmo diante de um currículo que reproduz um ensino hegemônico e capitalista, as juventudes dão outro sentido à escola, burlam métodos e fazem o corpo vibrar com os acontecimentos, reinventando a escola.

Como aprendizes de cartógrafa, fomos tecendo com os movimentos das juventudes da escola. “[...] O aprendiz-cartógrafo deve cultivar uma posição de estar *com* a experiência, e não *sobre* esta” (Alvarez; Passos, 2020, p. 142). Não temos como pretensão solucionar os problemas curriculares na escola, mas buscar na fabulação e na alegria outros sentidos que potencializem a vida.

Dessa maneira, esta pesquisa se fez nos *espaçostempos* escolares, em que as relações são estabelecidas por códigos, normas, documentos prescritos e sobretudo por invenções e tantas outras coisas que são vividas com as intensidades do cotidiano da escola. Em composição com jovens e



professores das turmas de 6º e 9º anos do Ensino Fundamental da Escola Fabuladora<sup>3</sup>, nossos encontros ocorreram durante o período de outubro de 2022 a maio de 2023. Esses movimentos foram registrados por meio de fotografias, vídeos e diário de campo, onde surgiam as problematizações e as fabulações de novas imagens para as escolas e para os currículos.

Assim, fomos entrando em composição com tudo aquilo que é invenção, que se produz em linhas de fugas e que possibilita um currículo que procure escapar das formas que aprisionam o pensamento. Como nos diz Kastrup (2020, p. 39) “[...] a atenção se desdobra na qualidade do encontro, de acolhimento do inesperado”. Em composição com as intensidades e os afetos que os encontros nos possibilitaram, fomos fazendo reverberar as fabulações que traçam linhas de fugas e produzem alegrias na vida de professoras e das juventudes.

## O QUE DESEJAM AS JUVENTUDES QUANDO FABULAM?

*João era tudo?  
tudo escondido, florindo  
como flor é flor, mesmo não semeada?*

.....  
*Guardava rios no bolso  
cada qual em sua cor de água  
sem misturar, sem conflitar?*

(Andrade, 2008, p. 644)

As juventudes, quando fabulam, desejam escapar da vida cafetinada (Rolnik, 2018) em que o capitalismo tenta nos fazer embarcar. O capitalismo vem ganhando espaço nos processos curriculares e, com isso, instituindo políticas educacionais que reproduzem modelos e modos de se ensinar e aprender. O ensino tem sido pensado cada vez mais para atender aos interesses mercadológicos capitalistas, segundo os quais a vida está a serviço do capital. Portanto, a escola tem atuado dessa maneira para produzir mão de obra para o capital. Afirma Pelbart (2011, p. 21): “[...] O que se vê é uma expropriação das redes de vida da maioria da população pelo capital, por meio de mecanismos cuja inventividade e perversão parecem ilimitadas”.

Uma das formas de controle desse sistema que vem ganhando espaço na educação é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com esse documento, o currículo que é praticado pelas escolas passa a ser utilizado a partir de habilidades e competências que devem ser desenvolvidas pelos jovens

<sup>3</sup> Nome fictício criado pelos jovens da escola.



de todo o país. De acordo com a BNCC (Brasil, 2017, p. 5), “[...] a Base é um documento completo e contemporâneo, que corresponde às demandas do aluno desta época, preparando-o para o futuro”. Essa frase nos instiga a indagar: como pode um documento se achar capaz de atender às demandas de aprendizagem de ensino diante das multiplicidades de vidas que habitam o sistema educacional do país?

Esse currículo legitimado como única forma de saber opera a favor de uma classe social que dicotomiza a vida, que estabelece um modelo de sujeito ideal para a economia capitalística, que opera para a formação de um ensino passivo, que diminui a potência da voz da multidão em detrimento de um currículo que aprisiona as aprendizagens e camufla a capacidade de invenção dos jovens das escolas públicas (Ferraço; Carvalho, 2012).

Logo, uma base não pensada com o coletivo que habita o cotidiano escolar acaba por apresentar um discurso que modela sujeitos e escolas. Segundo Carvalho, Silva e Delboni (2017, p. 485), tal modelo de base “[...] é, na verdade, o rosto do cidadão do mundo, ou o rosto que as forças dominantes econômicas, políticas e sociais almejam”.

Diante dessa tentativa de segmentar o saber, as juventudes que estão nos *espaçostempos* escolares resistem, criam outros possíveis para não sufocar (Lapoujade, 2015), burlam regras, modelos e inventam, por meio de suas vivências, outras maneiras de existir. Sem desconsiderar a importância dos componentes curriculares e seus conteúdos sacralizados, é necessário produzir questionamentos quanto a esse currículo formal que codifica os saberes. É preciso não se entregar ao jogo da captura e mesmo em pequenos movimentos resistir e inventar outros modos de estar na escola, pois, de acordo com Foucault (1999). onde existir poder, haverá resistências.

As propostas curriculares e os demais documentos que emanam de forma impositiva dos órgãos que gerenciam a educação não fazem articulação com os cotidianos das escolas, tentam determinar assim modos únicos de ensinar e de aprender. Paraíso (2015) nos ensina que, quando se formata demais um currículo, ele espalha tristeza e desinteresse, tornando o interesse para aprender cada vez mais distante. Mas, ao habitar o cotidiano escolar, vamos experimentando as diferentes culturas e vivências, que são inspirações para a construção de um aprendizado para além dos currículos prescritos, promovendo a alegria.

Nossa aposta é na potência da ação coletiva, em que as redes possibilitam a produção e a troca de conhecimentos e experiências vividas coletivamente. Nesses movimentos, jovens e professores, ao entrarem em relação com os acontecimentos cotidianos que atravessam a escola, criam, fabulam e



inventam conhecimentos por meio das redes de conversações. “O currículo muda à medida que nos envolvemos com ele, [...] consideramos sua complexidade tecida em redes de conversações e agimos em direção à sua realização [...]”.(Carvalho, 2009, p. 196).

Os encontros e as fabulações com as juventudes e as docências serranas nos ajudam a pensar os movimentos curriculares inventivos nas/das escolas que se constituem por meio dos afetos e afecções. Como nos diz Kastrup (2020, p. 39), “[...] a atenção se desdobra na qualidade do encontro, de acolhimento do inesperado”. Assim, fomos ao encontro das intensidades e dos afetos vivenciados nos currículos inventivos, apostando nas fabulações que traçam linhas de fugas e produzem alegrias.

De acordo com Pelbart (2011), apenas a existência não basta ao homem para lhe dar alegria. A falta do novo produz tristeza, angústias, tédio. A necessidade do novo é o que potencializa a vida. É preciso produzir desejos, forças de vida. Ah, e o desejo? O desejo que é sempre coletivo abre fluxos de passagem aos afetos.

Pelbart (2011), apoiado em Tarde, nos faz compreender que o desejo é força que potencializa nossas ações, essas forças se encontram e se compõem, produzindo afetos alegres ou tristes, estabelecendo relações de obediência e cooperação. Como os afetos se dão quando essas forças se encontram? Em nossas relações cotidianas, ao sermos afetados por algo, entramos em relação com algo que nos afeta e nos transformamos com ele (Deleuze; Guattari, 2010).

Assim, seguimos com o pensamento de Tarde (*apud* Pelbart, 2011, p. 112), “[...] tudo se passa por imitação e invenção, todos imitam e inventam, imitam e impõem variações ao que imitam, e a vida social inteira poderia ser reconstruída à luz dessas duas constantes”. Na escola, todos os dias se inventam outros modos de vida, de fazer currículo, de ser professor, de ser jovens, uma busca que se dá coletivamente, à procura por algo que rompa o tédio. Nesse contexto, em seus afazeres habituais, professores e jovens, para não se deixarem aprisionar pela tristeza e pela monotonia tediosa que o capitalismo impõe aos processos de aprendizagens, reinventam suas práticas cotidianas.

Destarte, como maneira de possibilitar uma aula constituída pelo desejo dos jovens, uma professora dos 9º anos propôs uma atividade para que eles trabalhassem com os diversos gêneros musicais. Em seguida, a turma foi dividida em grupos para pesquisar os gêneros musicais e selecionar uma música para apresentação. Os grupos se organizaram para criar as coreografias, os ensaios e os dias de apresentação. Antes de iniciar a apresentação, cada grupo apresentou a música, os compositores e abriram uma conversa sobre o ritmo musical escolhido. Percebemos o quanto esse



desejo inicial da professora em composição com os jovens tomou conta da escola com muita intensidade, fazendo liberar afetos e afecções:

— *A intenção era vivenciar, fruir ritmos diversos de danças de nosso país e de fora também. Esse movimento foi uma grande realização para mim, pois me trouxe muita alegria enquanto professora ao ver o quanto os alunos iam se dedicando e perdendo a vergonha em cada apresentação. Houve uma certa resistência inicial; mas, aos poucos, se permitiram sentir e realizar esse desafio de dançar. Se abriram ao encontro com a dança.*

Ao entrarem em contato com a música e a dança, os jovens experimentaram a dança, apresentando diferentes gestos corporais durante as aulas e vivenciaram trocas de seus conhecimentos sobre a música, proporcionando movimento do pensamento e abertura para o novo, para as experimentações. Para Pelbart (2011), a invenção é a potência do homem. Recusar as verdades que nos são estabelecidas e o conformismo é dar passagem aos afetos, é libertar a vida, é permitir caminhar por outros mundos possíveis. Assim, inventar é habitar outro território, é pisar onde ainda não se pisou.

Durante as apresentações, houve muita euforia dos estudantes, alguns entraram em total conexão com a dança, produziram acessórios para evidenciar seu estilo musical e mostraram a aproximação com o ritmo; outros, mais tímidos, aceitaram o desafio da experimentação.

Encontramos nesse movimento da aula vidas que pulsam, que não permitem o engessamento e que, mesmo diante das linhas duras que enrijecem o currículo, buscam criar, fabular, experimentar, permitir conexões com os saberes das juventudes, pois a fabulação é criação, é invenção, uma busca por transformar aquilo que já está posto em outros possíveis. As fabulações dos jovens é a própria linha de fuga sendo traçada, criando outros mundos possíveis (Deleuze; Guattari, 2010). Em consonância com a experiência vivenciada, a juventude e a docência fabulam:

— *Pensar na música e na dança aqui na aula nos faz pensar que a dança é um movimento do corpo, todos podem fazer, todos podem dançar. E a música é um movimento cultural. Precisamos cantar e dançar mais na escola!*

— *No início, nós ficamos mais tímidos, os meninos principalmente, mas depois a gente foi se soltando quando víamos os outros se apresentarem, a gente queria entrar na dança também.*

— *O objetivo não era que fizessem uma coreografia impecável, passos perfeitos para serem avaliados. O objetivo era ir muito além, era oportunizar a prática da dança de uma forma mais leve, prazerosa e divertida, num ambiente onde se sentiam seguros e livres para criar por meio da música, como acredito que deve ser a escola.*



“Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que está se fazendo — o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 133). Experimentar, pensar, criar. No movimento cotidiano da escola, os jovens produziram rupturas das verdades estabelecidas sobre a dança e a música. Dessa forma, o currículo passa a ser concebido pelas experimentações do pensado, vivido e praticado, possibilitando movimentos de fabulação e de invenção que deem visibilidade aos sujeitos do cotidiano escolar.

Ao entrarem em relação com os afetos que emergem na escola, professores e jovens constroem, montam e desmontam o currículo (Carvalho, 2009), não aceitam que as condições de aprendizagem pré-estabelecidas sejam as únicas possibilidades para aprender e ensinar. É preciso manchar, fabular, reescrever os currículos para que não se produzam tristeza e desinteresse no aprender (Paraíso, 2015).

A fabulação criadora não se prende ao passado e aos modelos instituídos, ela exerce os estados perceptivos e afetivos do vivido (Deleuze; Guattari, 2010). Assim sendo, a fabulação dá voz às multiplicidades que nos habitam, liberta o que nos aprisiona. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2010, p. 202), “[...] trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto”.

Nesse sentido, o fabular produz com os jovens e os professores outras possibilidades de fazer currículo e de viver. No cotidiano do território fabulador, os movimentos se fazem no acaso (Deleuze; Guattari, 2010). Rupturas, frestas, fissuras produzem afetos que, ao entrar em relação com os jovens e professores, indicam outros traçados, outras rotas. Assim, produzir currículo é desaprender todos os dias, é se despir de moral, crenças e verdades que nos enraízam e tentam nos fixar em um único ponto.

No cotidiano da escola, é possível escapar do conjunto de forças que impõem modelos e diminuem a potência da vida. Nos recreios, nas brincadeiras e nos momentos de conversas entre jovens e professores, encontramos uma vida que pulsa, que fabula, que não se deixa codificar e não se sujeita aos afetos tristes. Portanto, evidencia-se um currículo que fabula e permite que os encontros alegres aconteçam, aumentando nossas forças.

O recreio, por exemplo, é um dos momentos em que os jovens, mesmos vigiados pela coordenação da escola, sentem-se mais livre. Não é permitido jogar bola, nem há nenhuma outra atividade proposta pela escola para eles. O tempo curto disponibilizado na rotina é apenas comer e conversar. Nesse espaço endurecido, reduzido e limitado pelas burocratizações de normas e falta de



estrutura física, os jovens produzem rasuras, pois a fabulação os desloca para outro lugar, não se aquietam nesse território parado, as linhas de fuga são traçadas a todo instante.

Mesmo diante das formas instituídas no recreio, os jovens produzem forças que traçam outros possíveis, forças que fazem o corpo vibrar; fabulam, mostram que o pensamento não está parado nas linhas molares, mas que se faz com a velocidade dos acontecimentos, deslocando o instituído e produzindo suas vivências. Nesse sentido, traçam linhas de fuga, *resistem* ao sufocamento da vida. Para Deleuze e Guattari (2010), fabular é ser afetado por algo que nos tira do lugar e nos faz pensar em um novo possível, é uma forma de criação que possibilita a constituição de algo que ainda não existe.

Do agenciamento entre uma garrafa e alguns meninos nasce um desejo: o de jogar bola. A garrafa-bola corre por entre os pés dos meninos, desliza pelo chão. Para Deleuze (2007, p. 20), “[...] criar é aligeirar, é descarregar a vida, inventar novas possibilidades de vida”. Os jovens resistem, inventam outra possibilidade de vivenciar o recreio e o futebol, transformam o currículo vivenciando com ele.

A resistência é o que nos possibilita forças para romper as formas que “[...] aprisionam a vida” (Deleuze, 1989). Assim, diante de regras e normas impostas nos espaços-tempos dos recreios, não se deixam capturar pelas linhas endurecidas que atravessam a escola, buscam nas brechas produzir suas linhas de fuga e inventam outros modos de ser e estar no espaço escolar. Segue a fala de um estudante:

— *Como não é permitido brincar com a bola durante a hora do recreio, a gente joga com garrafinha ou com bolinha de papel, não é a mesma coisa, mas dá para brincar durante o recreio.*

— *Esse momento de brincar com a bolinha de papel ou a garrafinha no recreio é muito divertido porque a gente acaba fazendo amizade com as pessoas das outras turmas.*



**IMAGEM 1 – Gabola**



**Fonte: Acervo das autoras (2023).**

Na sala de aula, entre códigos e habilidades que devem ser aprendidos e assimilados, os jovens conversam e falam das notícias sobre política passadas no jornal do dia anterior; um outro grupo questiona os motivos pelos quais não podem namorar dentro da escola e aponta a necessidade de repensarem algumas normas impostas pela escola, que, de acordo com alguns jovens, já nem são mais respeitadas. Sobre isso, a juventude problematiza:

— *Essa necessidade de que a gente não perca nenhum flash do conteúdo nos impossibilita, muitas vezes, até de ir ao banheiro. A gente precisa estar sempre atento ao que está sendo ensinado; diante disso, acredito que a escola acaba criando muitas regras e não pensando em outras possibilidades de atividades com os alunos.*

— *Os momentos em que o professor traz coisas diferentes e assuntos divertidos para desconstrair a aula são muito bons, a gente acaba gostando mais de estar na sala de aula e aprendendo mais também.*

Em um sistema capitalista de controle permanente do pensamento, há o interesse de controlar o desejo, a capacidade de criação e de invenção do novo. Para Deleuze (2021), o poder não é estático, ele ocorre de modo difuso nas relações que forcejam uma homogeneização das diferenças, sendo uma multiplicidade de forças que tentam estancar as relações entre os corpos para produzir efeitos estratificantes. Em concomitância, a produção da diferença ocorre, entremeando as ações de monotonias endurecidas entre rompimentos de padrões, fazendo insurgir novos modos de pensar e agir, afirmando diferenças e resistências ao poder.



Diante do poder que tenta impedir a efetuação de uma potência do corpo, resistir às verdades estabelecidas é fabular, é traçar linhas de fuga. Portanto, a fabulação nos possibilita andar rumo ao novo, ao não dito e nem vivido, efetuando a potência do corpo, impulsionando a vida e produzindo alegrias. A alegria é resistência, é não se render ao que entristece (Deleuze, 1989).

Podemos observar, que ao pensarmos no currículo praticado na escola, os jovens reconhecem a importância dos saberes sacralizados, mas ressaltam a importância de construir a aprendizagem com o coletivo da escola, em que eles também sejam a voz dessa construção. Durante as conversas nos *espaçostempos* da escola, um jovem nos diz:

— *Eu achei muito legal sair da escola para ir ao cinema, sair aqui de dentro, ver outras coisas. Isso torna o aprender mais alegre.*

— *O que eu gosto na escola são as pessoas. Quando o professor nos escuta, a gente se sente parte da construção do nosso aprendizado, isso faz com que eu me sinta importante e torna a escola mais interessante.*

Pensar com as enunciações e fabulações da juventude nos faz refletir sobre até que ponto a escola tem colaborado para esse controle sobre a vida, em que os indivíduos passam a ser apenas números e estatísticas. Na intensificação do controle da vida, o biopoder instaura uma ideologia do controle dos corpos que apequena a vida, centralizando modelos de ser e estar na sociedade (Pelbart, 2011). Esse biopoder acaba por influenciar formas de produzir currículo, reproduzindo na escola políticas de controle do pensamento e desejos, que tentam nos transformar em indivíduos prontos e acabados, como meros “fantoques” do sistema capitalístico que operam, docilizando corpos e pensamentos. É possível não se deixar capturar por esse poder que tenta controlar a vida e o currículo?

Nesse sentido, para produzir rasuras nesses currículos que tentam controlar o pensamento e a vida, fabulam para preencher as potências de que o corpo é capaz e assim produzir alegrias, pois, de acordo com Deleuze (1989), “[...] sentimos alegria quando preenchemos, efetuamos uma potência da qual o corpo se sente capaz”. Sendo assim, os jovens reconhecem a importância da organização e das regras na escola, mas querem mudanças, querem ser ouvidos nesses processos de constituição de organização do espaço escolar, tendo em vista que suas ideias e pensamentos andam, são inventados a todo momento, fabulam para produzir encontros alegres que expandem a vida.

Quando as juventudes fabulam, produzem forças para escapar dos modelos de currículos e buscam articular os saberes curriculares às culturas vividas cotidianamente. Assim, nos movimentos



de resistências, tentam fugir dos padrões que buscam determinar identidades e modelos de ser/estar jovem na sociedade contemporânea.

Assim, as juventudes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fabuladora desejam uma escola onde o aprender e ensinar se fazem com as fabulações, as composições e as intensidades cotidianas, levando em consideração as diferenças, sem se prender apenas às políticas curriculares que forcejam um discurso que modela, que fixa identidades e prioriza as representações.

As conversas com as juventudes nos movimentaram a pensar que, mesmo diante dos modos fixos de *pensar/fazer* o currículo, a escola pulsa, se conecta e produz agenciamentos que nos fazem experimentar movimentos outros.

Por estarem sempre abertos ao novo, os jovens acabam por desejar um currículo que se faz na diferença, que é vetor de forças, efetuando suas potências, possibilitando inventar e resistir diante daquilo que tenta entristecer a vida. Dessa maneira, afirmamos que os currículos que se constituem das rasuras, das fabulações são currículos inventores de um novo mundo e de forças ativas que possibilitam que as potências do corpo se efetuem (Deleuze, 2007).

### **(IN)CONCLUSÕES: O QUE PODEM AS JUVENTUDES E A ESCOLA FABULADORA?**

*Ficamos sem saber o que era João  
e se João existiu  
deve pegar.*

(Andrade, 2008, p. 645)

*Eu tenho mil rostos e mil nomes.*

*Não sou ninguém sou todos.*

(William Burroughs *apud* Soares, 2007, p. 157)

Sorrir, inventar, desagarrar das formas são possibilidades que a fabulação cria. É preciso ser alegre em meio ao caos, visibilizar pequenas frestas, fabular diante de tantas imposições no currículo que limita e determina o espaço que os sujeitos podem ocupar na sociedade. A fabulação nos aponta possibilidades, ela não mostra caminhos a seguir, mas nos apresenta o novo, algo que não foi dado de antemão (Zacharias; Zeppini, 2018).

Mesmo diante das linhas duras impostas pelo modo operante do binarismo, os jovens que entraram em composição com esta pesquisa não se deixam encantar por uma única possibilidade de estar e viver a escola. Como Carvalho, Silva e Delboni (2018, p. 808), acreditamos que entre as “[...] tentativas de modelização e padronização, há possibilidades de rompermos com os mecanismos de



aprisionamento”, por meio de uma docência criativa, reflexiva e construída coletivamente, produzindo brechas e rupturas nessa concepção de currículo que modela o pensamento e o corpo.

Percebemos que, quando as diferenças que surgem nos *espaçostempos* da escola são experimentadas, o currículo passa a fazer sentido e a ser vivido. Os afetos que atravessam essas experimentações com o vivido potencializam a vida, produzindo desejos e alegria no aprender e ensinar.

O currículo, quando se faz na diferença, torna-se vetor de forças, efetuando nossas potências, possibilitando inventar e resistir diante daquilo que tenta entristecer a vida. Dessa maneira, afirmamos que os currículos que se constituem das rasuras, das fabulações e se desconfiguram em suas linhas de fugas, são currículos inventores de um novo mundo, de forças ativas que possibilitam que as potências do corpo se efetuem (Deleuze, 2007).

Acreditamos que fazer currículo é possibilitar que o pensamento possa andar, voar, vaguar, conhecer outros mundos e apostar nele, é ser nômade pelas linhas que atravessam os saberes. A fabulação busca na escola romper a ideia de que só há um modo de fazer currículo e, diante dos currículos que tentam capturar a vida, é possível sim afirmar uma vida mais bonita, em que jovens e professoras rasuram as padronizações curriculares por meio da inventividade. Quanta força há nesses currículos que se fazem com as vivências de professores e jovens.

Nesse sentido, apostamos com a Escola Fabuladora que currículos vetores de forças possibilitam uma escola mais alegre, onde *o aprenderensinar* não se fixa, mas é nômade, configurando-se e desconfigurando-se a cada novo movimento, produzindo outro, e outro, e outro com os possíveis que se dão nas linhas que nos atravessam.



## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 131-149.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Versiprosa: crônica da vida cotidiana e de algumas miragens {1967}. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa** (conforme as disposições do autor). 3. reimp. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008. p. 643-645.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – Após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

BRASIL Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Versão final. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 19 ago. 2022.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DT et alii; Brasília: CNPq, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães. Redes de conversações como um modo singular de realização da formação contínua de professores no cotidiano escolar. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 6, n. 2, . p. 281-293, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3572>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. A base nacional comum curricular e a produção da biopolítica da educação como formação de capital humano. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 481-503, abr./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2017v15i2p481-503>.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. Currículos como corpos coletivos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 801-818, set./dez. 2018.

DELEUZE, Gilles. [Entrevista cedida a]. Claire Parnet. **O abecedário de Gilles Deleuze** (transcrição + vídeo completo), 1989. Disponível em <https://clinicand.com/o-abecedario-de-gilles-deleuze/> Acesso em: 15 abr. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2010.



DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**: Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

FERRAÇO, Carlos. Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. Currículo, cotidiano e conversações. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 8, n.2, p. 1-17, ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10985/8105>. Acesso em: 15 abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro, Graal, 1999.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 32-51.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MASULLO, Alessandra Sávila da Costa; BRAGA, Osmar Rufino. *Juventudes e diferença: uma reflexão a partir de confetos*. **Prospectiva. Revista de Trabajo Social e intervención social [online]**, n. 15, p. 365-392, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574261389011>. Acesso em: 3 out. 2022.

PARÁISO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 49-58, jan./abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.18443>.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 17-31.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**. Porto Alegre: Sulina, UFRGS, 2018.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. Resenha. Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. **Quaestio – Revista de Estudos da Educação**, Sorocaba, v. 9, n. 2, p. 155-157, nov. 2007.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.



TAKEUTI, Norma Missae. Paradoxos sociais e juventude contemporânea. **Estudos de psicologia**, v.17, n. 3, p. 427-434, set./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300011>.

ZACHARIAS, Pamela; ZEPPINI, Paola Sanfelice. Sobre aprender a fabular em educação. **Linha Mestra**, n. 35, p.278-275, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/56/71>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SOBRE A AUTORIA:

[\*] Mestre em Educação – Secretaria Municipal de Educação da Serra.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7025-6298>.

E-mail: [alinedcochetto@gmail.com](mailto:alinedcochetto@gmail.com).

[\*\*] Doutora em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0107-8726>.

E-mail: [sandra.kretli@hotmail.com](mailto:sandra.kretli@hotmail.com).

---

Submetido em: 13 de novembro de 2023.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2023.

Publicado em: dezembro de 2023.